

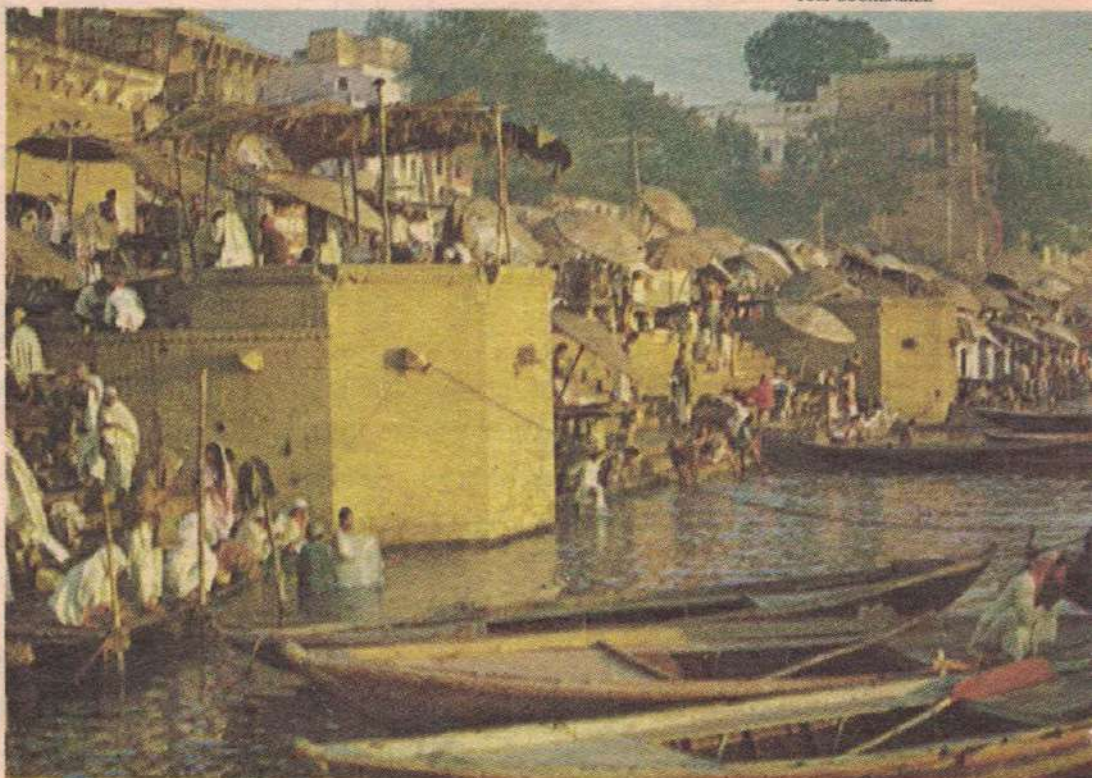
Ganges: O Rio Sagrado da Índia

Viajar ao longo da sua imponente extensão, desde as geleiras até ao mar, é assistir a um espetáculo calidoscópico e inesquecível

JOHN E. FRAZER

SURGE como um regato no alto dos Himalaias, entre tôrres de gelo coroadas com plumas de neve sopradas pelo vento. Corre para o sul, deslizando sôbre seixos dispersos e pedregulhos esculpidos e atravessando bosques de madressilvas e rododendros. Descendo cada vez mais rápido, êle vai acionar os moinhos do montanhês, e depois passar por um solitário asceta hindu que recolhe lenha, praticamente nu, sob frio intenso. Ao longo das férteis planícies do norte, crocodilos de longos focinhos aquecem-se ao sol, deitados nas suas margens, enquanto plácidas barcaças de carvão cruzam suas águas

TOM LUCKENBILL



Murmurando preces, peregrinos banham-se na velha Benares

lodosas. No seu leito surgem bancos de areia que desaparecem pouco tempo depois. As margens, distantes três quilômetros durante a época seca, ficam repentinamente a 13 quilômetros de distância quando chegam as chuvas. Deslizando pela superfície inclinada do imenso

planalto indiano, através de uma das regiões mais densamente povoadas do mundo, desagua por fim na tempestuosa Baía de Bengala, através de múltiplos canais de um delta infestado de tigres. Percorreu 2.510 quilômetros, recolhendo no caminho as águas de uma área de 1.200 km² e depositando sobre as planícies uma fértil camada de lodo que tem atualmente oito ou mais quilômetros de profundidade.

Este é o Ganga — o Ganges Sagrado, o rio milagroso da Índia.

Para Lavar Corpo e Alma. Os hindus vão ao rio como um filho à sua mãe. Na verdade, o Ganges é «Ganga Ma», ou Mãe Ganges. No interior da Índia, uma forma inescapável de promessa solene é jurar por «Ganga-jal» (águas do Ganges). O peregrino, mergulhado até à cintura no rio sagrado, leva aos lábios as mãos em concha, cheias de água, e ao mesmo tempo murmura uma prece. A sua fé no rio é tal que acredita que, banhando-se nele, o mal existente no seu corpo e na sua alma é lavado. Morrer próximo das suas margens sagradas é ter assegurada a felicidade no outro mundo.

O meu reencontro com o Ganges começou no Estado de Uttar Pradesh, onde o rio atinge as planícies. A última vez que eu vira Hardwar, uma cidade de peregrinação com séculos de existência, mais de um milhão de hindus tinha vindo banhar-se no rio. Mesmo nesta pequena excursão, as ruas estavam apinhadas de táxis, tongas (carrinhas

de duas rodas) e pedestres. Uma banda tocava estridentemente numa festa de casamento; vacas extravias metiam-se em mercearias; um rude *sanyasi*, ou mendigo religioso, com um xale escarlate atirado sobre os ombros, olhava fixamente para nós. A rua principal vai dar aos Har-ki-Pairi, ou Degraus para Deus, os mais sagrados *ghats* (degraus) de banho da cidade, onde as águas frias do rio correm rápidas sobre os pés dos devotos.

Os peregrinos são um microcosmo da Índia hindu: fazendeiros e sábios, ricos e pobres, astrólogos e mercadores, os viúvos e os doentes, que por segurança se agarram às argolas de ferro das margens. Vindos frequentemente de paragens longínquas, suportam tenazmente o calor, o ruído, as moscas, as multidões, a má alimentação e os ladrões, a fim de realizarem a missão de suas vidas: lavar corpo e alma no rio sagrado.

Muitos andam literalmente centenas de quilômetros para alcançar êsse privilégio. À hora do crepúsculo, reúnem-se junto ao Ganges para o *arti*, uma oração, e põem a flutuar barquinhos feitos de fôlhas, cada um com uma lamparina acesa que tremula sobre a superfície prateada das águas. Mais tarde, com o frescor da manhã, eles partem, alguns levando para suas famílias botijas com água do Ganges, enfeitadas com bandeiras, acondicionadas em cestos de vime presos a longas varas que são levadas ao ombro.

Gigante Indócil. O Ganges corre serenamente para o sul através das



aldeias da Índia. Aglomerados de cabanas feitas de barro ou tijolos cozidos ao sol, compactamente unidas, estão rodeados de campos de trigo, milho e centeio. Um rebanho de búfalos prontos resfólega e chafurda num imenso lodaçal, enquanto o pastor, com uma perna cruzada sobre a outra como um grou dos pântanos, guarda seus animais de meia tonelada. Trazido das terras interiores pela brisa suave, chega até nós o cheiro doce e enjoativo da cana-de-açúcar fermentada. Carros de bois carregados enfileiram às portas da usina para descarregar os finos caules verde-amarelos colhidos naquela manhã. Um pavão empolei-

rado sobre um muro exhibe seus iridescentes tons azuis e verdes, enquanto um trator passa proclamando ruidosamente a nova prosperidade agrícola da «revolução verde» na Índia. O Ganges tudo observa.

Ele vê também a rica e esquelética Kanpur, uma cidade de febris indústrias têxteis, curtumes e fábricas de material militar, que caracterizam o salto industrial à frente da Índia, e as desgraças que dele surgem. Vive aqui mais de 1,5 milhão de pessoas — um milhão espremido em alojamentos de um quarto só, ou partes de um quarto, enquanto 50.000 dormem pelas calçadas. O Ganges corre pacificamente pelos

limites da cidade, mas em 1967 desviou-se repentinamente oito quilômetros do seu curso normal — deixando atrás de si lodo, areia e o temor de uma grave crise de água e energia elétrica. Dezenove dragas trabalharam 24 horas por dia, removendo sedimentos, a fim de manter aberto um canal com 45 metros de largura para escoar o gigante indócil.

Como o Nilo, o Ganges alimenta a terra transbordando na época das monções e depositando camada sobre camada de ouro aluvial. A inundação é um desastre, mas o lodo uma bênção pródiga. As inundações cobrem os campos geomé-

curso de água do Himalaia. O castanho-claro do primeiro reúne-se ao azul do segundo, e a linha de demarcação é claramente visível. Os hindus acreditam que corre aqui um terceiro rio, invisível, formando uma trijunção conhecida por *sangam*, o lugar mais sagrado da Índia. Milhões de hindus vêm banhar-se neste local, particularmente durante a festa religiosa de Kumbh Mela, celebrada cada 12 anos. Durante a mais recente, em 1966, cerca de cinco milhões de banhistas realizaram o mergulho sagrado, muitos deles colados aos calcanhares dos *nangas*, ou homens nus sagrados, que conduzem a corrida de aber-

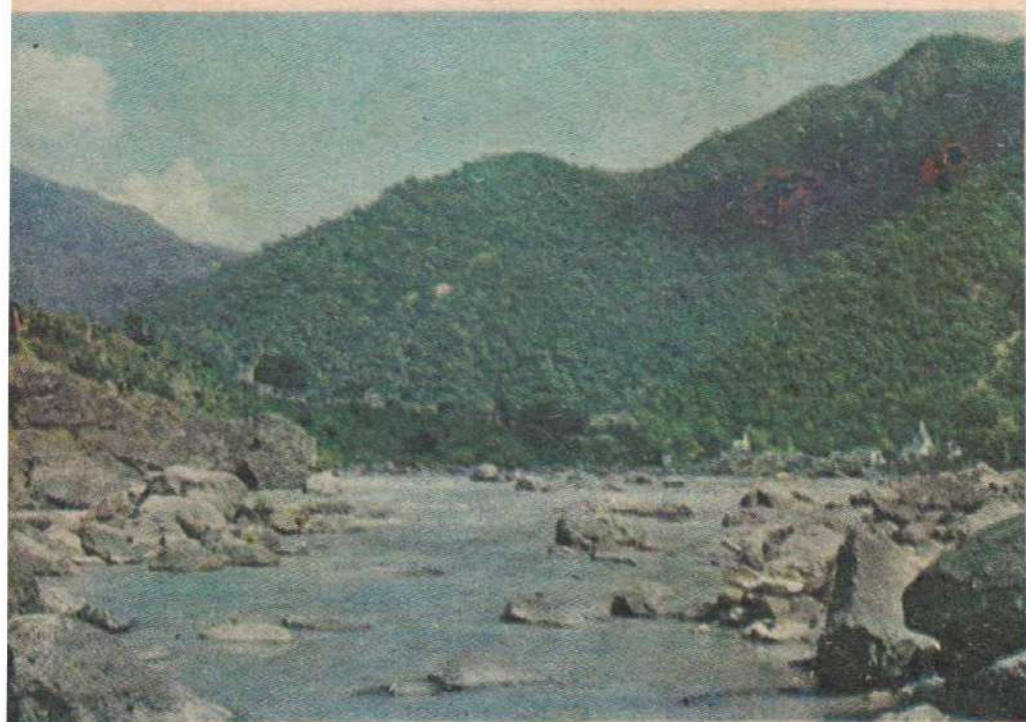
tura às três horas da manhã. Foi aqui, à vista de três milhões de indianos que olhavam das margens, que as cinzas do Mahatma Gandhi foram espalhadas sobre o Ganges em 1948, tal como em 1964 foi feito com as cinzas do Primeiro-Ministro Jawaharlal Nehru.

Impureza Preciosa. Reunido agora ao Jumna, o Ganges corre com nova força

na direção de Benares, uma das mais antigas cidades da Índia. Embora Benares seja um tesouro de sedas e brocados, de erudição hindu e arte maometana, suas ruas e velhos palácios estão sujos e dilapidados. Somente o Ganges e os peregrinos que vêm até

travessias como aquarelas escorrendo sobre o papel pergaminhado de um artista. As estradas ficam interrompidas, as cabanas de barro desfazem-se e pára todo o tráfico fluvial.

Em Allahabad, o Ganges encontra o Jumna, ele também um nobre



FRANCIS BRUNEL, PARIS

O rio ainda nas faldas do Himalaia

êle conseguem dar vida à cidade.

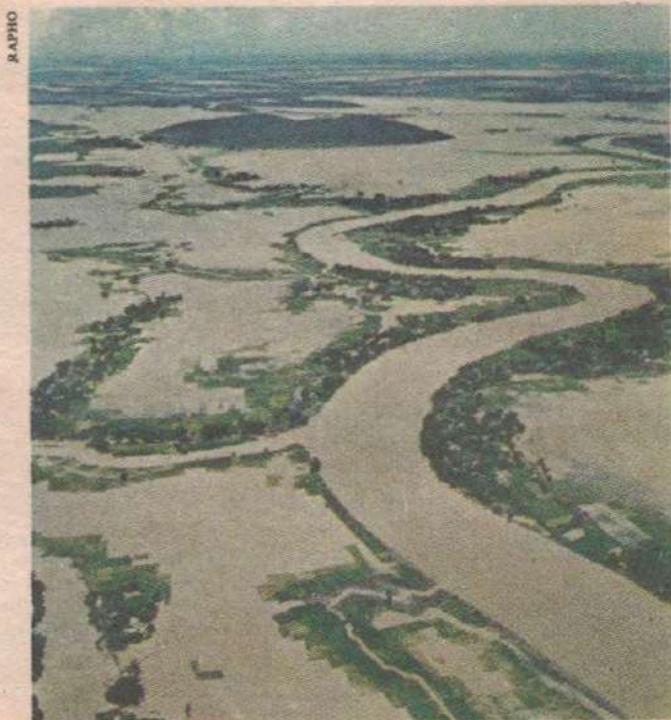
Como é costume dos visitantes de Benares, observei, sentado num barco a remo, ligeiramente distanciado da margem, o ritual do banho. A minha atenção foi atraída por um jovem peregrino que estava entregando seus parcos haveres a um sacerdote brâmane, sentado próximo do rio debaixo de um guarda-sol de junco. A cabeça do rapaz estava rapada e êle untou-se de óleo para que o lôdo do rio não se colasse ao seu corpo. À medida que entrava nas águas revôltas, êle proferia uma oração que é tão antiga como a própria Índia: «Ó Deus, sol de mil raios resplandecentes, Tu és um conjunto de virtudes. Tem piedade do Teu humilde devoto.» Em seguida, o sacerdote traçou, com pasta de sândalo, um sinal sagrado sôbre a testa do peregrino.

Mais tarde, visitei, rio acima, um *ghat* em fogo, área de cremação instalada sôbre uma elevação do terreno, à sombra de amargoseiras. O sacerdote do ofício fúnebre tinha acendido o fogo com uma chama do templo. Não vi lágrimas — confia-se em que aquêle que morreu parte para uma encarnação melhor.

Vendo os peregrinos banhar-se nas águas do rio — e beber dela — interroguei o meu guia a respeito da poluição. Êle respondeu-me expressando uma crença universal hindu acêrca da pureza do Ganges, dizendo com firmeza: «Existem certos minerais no leito do rio, ao norte, que purificam a água que

passa sôbre êle.» Isto dificilmente será verdade, pois em muitas localidades lançam-se no Ganges esgotos, impurezas e detritos industriais.

Estamos agora viajando através do Estado de Bihar, rico em ferro e carvão, terra natal de um quarto da população tribal da Índia que cultiva a terra ou trabalha nas fábricas e, tal como seus antepassados, canta e dança no agrupamento da tribo depois de cada jornada. Aqui, o Ganges alarga-se enormemente, reunindo-se aos rios Gogra, Sone e Gandak, todos êles imponentes cursos de água. Acima de Patna, a capital do estado, pare-



O delta, alargado pelas monções com dois metros de altura contém as águas engrossadas pelas monções.

«Os céus têm de amparar o arroz», disse-me um funcionário público de Bihar há alguns anos, quando metade do estado estava calcinado

pela seca. Não havia chuva: a paisagem nua e ressequida agonizava sob o sol, e eu andei por campos com rachaduras e fissuras no solo. Entretanto, nas regiões banhadas pelo Ganges, o arroz era abundante, e enormes sacos abarrotados com o cereal eram transportados para os mercados em carros de bois. Era evidente o que o Ganges significa para a Índia rural.

Terras do Fim do Mundo. Na sua marcha para a Baía de Bengala, o rio entra em seguida noutra região: o Paquistão Oriental. Aqui, as águas do Ganges juntam-se ainda aos caudais de outros rios — o Brahmaputra, o Jamuna e o Meghna — que se dividem e subdividem; suas ramificações diversificam-se em múltiplos canais, que vão todos ter ao mar e formar as «Bôcas do Ganges».

Este ano, esse delta tropical de 400 quilômetros de largura está perturbado por disputas e guerra civil. As disputas referem-se à Barragem de Farraka, que está sendo construída pela Índia 16 quilômetros acima da fronteira do Paquistão Oriental. Quando estiver terminada, em 1973, ela desviará águas do Ganges que removerão o lodo que obstrui o Rio Hooghly, na Índia, antigamente importante afluente do Ganges e ainda hoje via de comunicação vital de Calcutá para o mar. A Índia diz que o Ganges ficará ainda com água mais que suficiente para as necessidades do Paquistão, mas este teme pelas suas fazendas, florestas e pescarias durante a época

das secas, e nega à Índia o direito de interferir com águas internacionais.

Calcutá, a maior cidade da Índia, com uma população metropolitana de sete milhões de almas, foi antigamente centro palpitante de arte, literatura e filosofia bengalesas e capital financeira da Índia Oriental. Hoje, embora ainda seja uma cidade vibrante, é também a maior favela do país. A miséria empesta o ar; dezenas de milhares de pessoas não sabem onde vão passar a noite ou quando vão comer. Só um constante trabalho de dragagem permite que o Hooghly se mantenha seguro para a navegação.

Cem quilômetros abaixo de Calcutá, o Hooghly transforma-se num labirinto selvagem de rios e florestas tropicais, conhecido como Sundarbans, ou «a bela floresta», que se estende profundamente pelo território do Paquistão Oriental. Estranhos peixes chamados «saltadores de lama» caminham pelas margens. O tigre real de Bengala, atualmente uma presa de caçadores furtivos inescrupulosos, é ele próprio um caçador furtivo — capaz de nadar à noite para atacar de surpresa um madeireiro adormecido num barco ancorado no meio do rio.

Quando chega a época das monções, todo o delta a leste de Calcutá se transforma num mar interior. Em novembro de 1970, uma onda gigantesca, de seis metros de altura, luminosa à noite e impelida por ventos de 250 quilômetros horários, varreu a Baía de Bengala e inun-

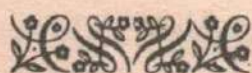
dou o delta.* Morreram entre 300.000 e 500.000 bengaleses, fazendo dessa tempestade apocalíptica o maior desastre natural documentado na história da humanidade. Agora, a guerra civil, as doenças e a fome afligem a área. Desde março último, quando foram disparados os primeiros tiros nos combates fratricidas entre as forças do Paquistão Oriental e Ocidental, cerca de seis milhões de refugiados atravessaram a fronteira da Índia.

Mas o Ganges prossegue o seu caminho, o rio e seus braços cintilando através da exuberante paisagem. Mulheres bengalesas com longos cabelos de azeviche e olhos amendoados plantam brotos de arroz no solo barrento; as folhas verdes de chá agitam-se e reluzem nas encostas das colinas próximas; in-

* Ver «A Terrível Ressaca», Seleções de julho de 1971 (Portugal) e agosto (Brasil).

dígenas carregados de arcos e flechas marcham através das savanas rumo a uma feira; antigas gaiolas a vapor arquejam pelos grandes rios acima, arrastando barcas cheias de mercadorias para as regiões montanhosas de Bengala; a fumaça das fogueiras das aldeias filtra-se horizontalmente através das palmeiras. No centro de tudo, está sempre o rio.

A ele vem ainda hoje, para se curar, tal como o faz há milhares de anos, o povo hindu. «O Ganga é o rio da Índia», escreveu Nehru em seu *Testamento*, «amado pelo seu povo, ao redor do qual se entrelaçam suas memórias raciais, suas esperanças e temores, suas canções de triunfo, suas vitórias e suas derrotas. Ele tem sido um símbolo da cultura e civilização hindus desde tempos imemoriais, sempre mudando, sempre correndo, mas sempre o mesmo Ganga.»



Declínio de um símbolo

Os DOIS maiores fabricantes americanos de automóveis — Ford e General Motors — estão fazendo cada vez menos alterações de estilo. O presidente da General Motors informou que mudar o desenho de um carro custa anualmente entre 100 a 140 dólares por veículo. Henry Ford II acrescenta que o Modelo T não foi alterado durante 19 anos.

A decisão de deixar os carros mais ou menos com a aparência que têm e de se concentrar na melhoria das condições de segurança reflete um cansaço do povo americano em comprar cada vez um modelo novo. As pessoas começam a compreender que o importante no carro é ter quatro rodas, carroçaria e motor para as levar, econômica e seguramente, de um lugar para outro.

— Rod MacLeish